

## **A região *Circum-Roraima* enquanto ponto de partida para a reconstituição do território ancestral: apontamentos iniciais**

**Mesa Temática 03** – Geografias históricas. Proyectos, narrativas e imágenes en torno a las controversias involucradas en los procesos de configuración territorial en América Latina

**Tipo de apresentação:** Ponencia (apresentação oral)

Garzoni, Elionete de Castro<sup>1</sup>  
Silva, Gladis de Fátima Nunes da<sup>2</sup>

### **Resumen:**

De acordo com Butt-Colson (1985) a expressão *Circum-Roraima* foi cunhada por Cesáreo de Armellada, um missionário que conviveu com o povo Pemon no sul da Venezuela entre os anos de 1936 e 1943. Sobre o termo, Butt-Colson (1985, p. 104) entende que “É um termo de referência útil que denota as terras altas e a região de planícies vizinhas em torno da cadeia de montanhas de Roraima, onde os povos Kapon e Pemon têm suas terras natais tradicionais” [tradução livre]. Trata-se da região da tríplice fronteira entre a República Federativa do Brasil, a República Bolivariana da Venezuela e a República Cooperativista da Guiana, tendo o Monte Roraima como principal referência geográfica.

O termo é utilizado em textos científicos de diferentes áreas do conhecimento, da Geografia à Literatura, a partir de um amplo espectro de significados, que variam dos lugares físicos aos lugares sagrados da chamada “terra de Makunaima”<sup>3</sup>. Santilli (2001) aponta inclusive as coordenadas geográficas que encerrariam a área denominada *Circum-Roraima* (entre 3° e 7° de Lat. Norte e 59° e 64° de Long. Oeste) e, ao espacializá-la, é possível verificar que se restringe a um polígono (quadrilátero) que tem o Monte Roraima como referência central. Porém, quando consideramos as potenciais relações sociometabólicas existentes nesta área, em especial antes da invasão colonial, inferimos que tal definição pode configurar apenas uma, dentre as múltiplas dinâmicas possíveis desse espaço geográfico.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas/SP, docente da Universidade Estadual de Roraima (UERR), membro dos Grupos de Pesquisa "Estudos Interdisciplinares sobre o Território na Amazônia"/UFRR e "Problemática Urbana e Ambiental"/UNICAMP e pesquisadora no Centro de Documentação Indígena (CDI) em Roraima. E-mail: elionete.garzoni@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás/GO, docente da Universidade Estadual de Roraima (UERR) e geógrafa da Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Roraima (SEPLAN). E-mail: gladisilva@uerr.edu.br

<sup>3</sup> Conforme a cosmologia dos povos da região, Makunaima é um demiurgo, filho do Sol (Wêi), portanto com o status de um semideus mas, ao mesmo tempo, com uma postura dúbia, que pode variar de herói a demônio conforme seus feitos. Vide Medeiros, S. (2002) (Org.) *Makunaima e Jurupari: cosmologias ameríndias*. São Paulo: Perspectiva.

Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é, a partir da literatura sobre o *Circum-Roraima*, reconstituir o território ancestral dos povos originários dessa porção de *Abya Yala*, pensando em suas relações sociais e com o meio físico, retratando as interconexões ali existentes. No que tange à abordagem teórica, partimos das premissas do materialismo histórico, a partir do entendimento de que “. . . a marcha do pensamento abstrato . . . corresponderia ao *processo histórico efetivamente real*” [grifo nosso] (Marx, 2010, p. 113); bem como de Benjamin (1981, como citado em Löwy, 2010, p. 21), quando afirma que “A história deve ser escovada a contrapelo”. Em outras palavras, a reconstituição da história dessa área deve tanto perpassar a realidade do processo histórico, e este deve ser entendido como o processo vivido a partir da ótica dos povos originários que ali habitavam, e não da ótica dos invasores. Quanto à abordagem metodológica trata-se de pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, quando estão sendo efetuadas pesquisas documentais, revisão de literatura de estudos realizados na região por pesquisadores de diferentes épocas, bem como consultas a acervos cartográficos, museus, bibliotecas e arquivos virtuais<sup>4</sup>.

Contribuem na argumentação teórica autores do giro decolonial, com destaque a Aníbal Quijano (2005, p. 245) que, sobre o violento o processo de invasão de *Abya Yala*, salienta como determinantes duas consequências: a) “todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas”; e b) “sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. Daí em diante não seriam nada mais que raças inferiores, capazes somente de produzir culturas inferiores”; perspectiva que entendemos incorreta e desatinada. Partimos da concepção de “território ancestral” de Hernandez (2004, p. 247) como aquele que, anterior à invasão do colonizador (1492), garante aos povos originários direitos

. . . de practicar sus propias formas de explotación de las tierras, con ejercer la potestad colectiva sobre los recursos naturales . . . mantener incólumes los sitios sagrados, con ejercer gobierno y jurisdicción autónomos, con permanecer colectivamente en las tierras ancestrales y no ser expulsados de allí por ningún medio o circunstancia, con que estas tierras no sean enajenadas y con desarrollar sus propias concepciones de desarrollo y vida.

Nesse escopo a noção de “fronteira nacional” deve ser extrapolada, a fim de que seja possível compreender a dinâmica da vida no almejado território ancestral, desde as relações

---

<sup>4</sup> Por exemplo: David Rumsey Map Collection (<https://www.davidrumsey.com/>); Atlas dos Viajantes do Brasil (<https://viajantes.bbm.usp.br/>); Biblioteca Nacional Digital (<http://bndigital.bn.gov.br/>); Amazônia Socioambiental (<http://raisg.socioambiental.org/>); New York Public Library (<http://maps.nypl.org/warper>).

estabelecidas entre os povos, sua mobilidade no território, as relações políticas entre grupos, a interdependência com o meio natural/físico, além, é claro, de considerar que eram múltiplos e distintos os povos e sociedades ali existentes, dado que não haviam sido reduzidos “. . . a uma única identidade: índios . . . [que é] racial, colonial e negativa” (Quijano, 2005, p. 229).

Os resultados da pesquisa até o momento (dado que o estudo não está concluído) permitiram, a partir de critérios geomorfológicos, topográficos, socioantropológicos e geográficos, o estabelecimento de área assim delimitada: a norte e oeste, pelo rio Orinoco; a sul, pelo rio Negro; a leste, pelos rios Branco, Jauaperi, Caroebe e Esequibo, fechando o polígono pelo Oceano Atlântico. Nesta área buscamos restituir subjetividades e refazer os vínculos dos povos Kapon e Pemon com sua ancestralidade.

A proposta é, portanto, assumir o *Circum-Roraima* como o território livre de demarcações e secções realizadas pela sociedade não indígena e retomar o olhar sobre a dinâmica espacial existente antes disso. Talvez não consigamos tecer afirmações contundentes, dadas as dificuldades envolvidas no processo, em especial o acesso a materiais e documentos, mas se a Geografia tem sua contribuição ao processo decolonial, deve fazê-lo com respeito e somando-se à luta dos povos originários em defesa da vida.

**Palabras clave:** Território ancestral, Cartografia histórica, Paisagem, Roraima, Amazônia.

## REFERÊNCIAS

- Butt-Colson, Audrey (1985) Routes of knowledge: an aspect of regional integration in the circum-Roraima area of the Guiana Highlands. *Antropologica* 63(64), p. 10-149. Recuperado de: [http://www.fundacionlasalle.org.ve/userfiles/ant\\_1985\\_63-64\\_103-149\(1\).pd](http://www.fundacionlasalle.org.ve/userfiles/ant_1985_63-64_103-149(1).pd)
- Hernández, Ángel Libardo Herreño (2004, agosto) Evolución política y legal del concepto de territorio ancestral indígena en Colombia. In: Castellanos, Camilo; Pérez, Olga Lucia (Orgs.) Derecho a la tierra: conceptos, experiencias y desafíos. *El Otro Derecho*, número 31-32. ILSA, Bogotá D.C., Colombia, p. 247-272. Recuperado de: [http://www.ilsa.org.co/biblioteca/ElOtroDerecho/Elotroderecho\\_31/El\\_otro\\_derecho\\_31.pdf#page=241](http://www.ilsa.org.co/biblioteca/ElOtroDerecho/Elotroderecho_31/El_otro_derecho_31.pdf#page=241).
- Löwy, Michael (2011) “A contrapelo”. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). *Lutas Sociais*, n. 25-26, p. 20-28. Recuperado de: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/michael-lowy.pdf>.
- Marx, Karl (2010) O método da economia política. *Crítica Marxista*, n. 30, p. 103-126. Recuperado de: [https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/documento11Documento.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/documento11Documento.pdf).

- Quijano, Aníbal (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (Org.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, pp.227-278.
- Santilli, Paulo (2001) *Pemongon Patá: território Macuxi, rotas de conflito*. São Paulo: Editora UNESP.